

A ADAPTAÇÃO SOCIAL NO AMBIENTE ESCOLAR DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Jonas Carvalho e Silva ¹

Jacob Xerinda²

Dara Mendonça Vidal³

Resumo: Como os métodos práticos de adaptação social podem favorecer a inclusão de deficientes intelectuais dentro do ambiente escolar? Este estudo de caso teve por objetivo explorar as experiências de adaptação social de uma criança com deficiência intelectual, que podem ser pertinentes para propiciar e estimular uma educação inclusiva nas escolas de ensino regular. Foi realizada uma entrevista com uma criança de 10 anos de idade, chamada Alice, que possui o diagnóstico de Síndrome de Down. O método de trabalho realizado utilizou como delineamento a pesquisa qualitativa descritiva exploratória sob a perspectiva da Bardin. Foram utilizados métodos lúdicos (gravuras e invenção de personagem) para facilitar a comunicação com a criança. Os instrumentos aplicados foram: questionário sociodemográfico, genograma e ecomapa. Os resultados indicaram que Alice consegue acompanhar positivamente o ritmo de aprendizado da turma, porém no âmbito social ainda carece um melhor desenvolvimento, em razão da ausência de métodos inclusivos na sua escola.

Palavras-Chave: deficiência intelectual. inclusão. adaptação social. métodos lúdicos.

Abstract: How can practical methods of social adaptation favor the inclusion of intellectually disabled people within the school environment? This case study aimed to explore the social adaptation experiences of a child with intellectual disability, which may be relevant to propitiate and stimulate inclusive education in mainstream schools. An interview was conducted with a 10-year-old child, named Alice, who has been diagnosed with Down's Syndrome. The work method used as outline the qualitative descriptive exploratory research under the perspective of Bardin. Ludic methods were used (pictures and character invention) to facilitate communication with the child. The instruments applied were sociodemographic questionnaire, genogram, and ecomap. The results indicated that Alice can positively keep up with the learning pace of the class, but in the social sphere she still lacks a better development, due to the absence of inclusive methods in her school.

Keywords: intellectual disability. inclusion. social adaptation. playful methods.

1 Technische Universität Dortmund /Alemanha
2 Universidade Eduardo Mondlane / Moçambique
3 Centro Universitário de Brasília

INTRODUÇÃO

Como os recursos lúdicos podem favorecer a inclusão e a adaptação social de pessoas com deficiência intelectual dentro do ambiente escolar? Este estudo de caso visa explorar as experiências de adaptação social de uma criança com deficiência intelectual, que podem ser pertinentes para estimular a educação inclusiva nas escolas de ensino regular. Inicialmente serão abordados os conceitos de Integração e Inclusão Escolar e, posteriormente, a utilização de recursos da Arte Terapia para a adaptação social de alunos com deficiência intelectual. O estudo de caso articula-se com o referencial teórico e analisa aspectos psicossociais⁴ de adaptação da criança no ambiente escolar.

Apesar dos avanços das políticas públicas direcionadas à integração social no Brasil, existe ainda a resistência da sociedade em mudar as suas estruturas e atitudes (SASSAKI, 2003). Como consequência da supervalorização da capacidade física, sensorial e cognitiva, as pessoas com deficiência enfrentaram exclusão, e muitas formas de segregação como prova do preconceito, da discriminação e da desvalorização de suas vidas.

O conceito da deficiência baseada nos modelos sociais têm foco nas condições de interação entre a sociedade e as pessoas com limitações funcionais, reforçando seus direitos, com autonomia e independência (LOUREIRO MAIOR, 2018). Complementar a isso, se faz necessário intervenções de acessibilidade em espaços urbanos, nos transportes, nos sistemas de comunicação, de informação, assim como acesso à Tecnologia Assistida. Dentre as intervenções prioritárias encontram-se aquelas direcionadas para o desenvolvimento de ferramentas e instrumentos educacionais, sociais e de pesquisa que avaliem, do ponto de vista do princípio do melhor interesse da criança, o ambiente de aprendizado do indivíduo com deficiência intelectual (BUCHER; SILVA, 2018).

O conceito dos tipos de deficiência segundo a legislação está categorizado no Decreto nº 5.296/2004 como: deficiência física, auditiva, visual, mental (atualmente intelectual, função cognitiva) e múltipla, que é a associação de mais de um tipo de deficiência (BRASIL, 2004). Especificando deficiência mental, leia-se intelectual como: funcionamento intelectual significativamente inferior à média, com manifestação antes dos dezoito anos e limitações associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas, tais como: a) comunicação; b) cuidado pessoal; c) habilidades sociais; d) utilização dos recursos da comunidade; e) saúde e segurança; f) habilidades acadêmicas; g) lazer e h) trabalho (BRASIL, 2004).

Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP (2013), houve um aumento de mais de 100% no número de alunos com deficiência matriculados em escolas comuns de Educação Básica entre os anos de 2007 e 2012 no País. Essas

⁴ Os aspectos psicossociais abrangem os aspectos da vida social em conjunto com a psicologia clínica, existindo assim avaliações psicossociais úteis para examinar a estrutura psíquica dos indivíduos que estão inseridos dentro de um sistema interativo (BUCHER-MALUSCHKE; SILVA, 2018).

conquistas se devem aos avanços tecnológicos que “surtem como fatores estruturantes de novas alternativas e concepções pedagógicas” (INEP, 2013) apresentando novas possibilidades e ambientes para o desenvolvimento de conhecimentos por meio das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). O uso das TIC na educação possibilitou alternativas e estratégias pedagógicas para a adaptação da escola tradicional, em uma escola dialógica, aprendizagem e inclusiva (GALVÃO FILHO, 2009).

Além disso, esses avanços tecnológicos possibilitaram recursos disponibilizados na escola inclusiva, permitindo a superação de obstáculos e barreiras decorrentes de comprometimentos, até bastante severos, das funções sensoriais ou de comunicação dos estudantes com alguma deficiência (BORTOLINI; PETITO; TAVELLA, 2012). Esses dados indicam as transformações presentes na sociedade contemporânea, para a valorização da diversidade humana e a superação de antigos mecanismos de exclusão e discriminação. O aumento da inclusão de estudantes com deficiência nas instituições de ensino do país, faz com que se rompa, gradativamente, com séculos de exclusão e invisibilidade dessa parcela da população (GALVÃO FILHO, 2016).

Mantoan (2005) reforça, portanto, a necessidade de uma reflexão sobre a nova realidade, visando o desenvolvimento de estratégias que potencializam a autonomia do pensamento crítico para a inclusão social dos alunos e profissionais da escola por meio de um atendimento substitutivo ao ensino comum, evidenciando diferentes compreensões, terminologias e modalidades que levam à criação de instituições especializadas, escolas especiais e classes especiais.

INTEGRAÇÃO VERSUS INCLUSÃO ESCOLAR E SOCIAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

O que seria de fato o conceito de Inclusão da criança com deficiência no ambiente escolar e na sociedade e como ele se difere do conceito de Integração? Quando digitamos no Google o termo “integração”, o que aparece de explicação desse conceito é: “A incorporação de um elemento em um conjunto”. Supomos, que este conceito é o que mais se identifica nos contextos escolares de modo geral, as escolas integrativas, que integram as crianças com deficiência em meio às outras tidas como típicas. Estas mesmas escolas se auto intitulam como escolas inclusivas, o que não é verdade.

Até os anos 90, no Brasil, a orientação que era utilizada nas escolas era a prática integrativa. Porém a sua execução não obteve êxito, devido ao fato de que se atribuía ao aluno a responsabilidade de se adaptar ao novo ambiente de ensino no qual ele havia sido inserido (SILVA, 2010). Com isso, buscou-se garantir que, além da presença do aluno com necessidades educacionais especiais em sala de aula comum do ensino regular, também fossem desenvolvidos meios que tornassem possível para esse aluno alcançar sucesso acadêmico e conseqüentemente

permanecer na escola regular. A partir da década de 1990 o movimento de inclusão escolar foi fortalecido (SILVA, 2010).

Para compreender o que seria uma escola de fato inclusiva, deve-se analisar, primeiramente, o conceito de Inclusão. A Inclusão Social é o conjunto de ações e meios que combatem qualquer tipo de exclusão aos benefícios da vida em sociedade, as quais são provocadas pelas diferenças de educação, deficiência, classe social, idade, gênero, preconceito social ou preconceitos raciais (SILVA, 2020). O objetivo da Inclusão Social é oferecer oportunidades iguais de acesso a bens e serviços e meios de acesso palpáveis e práticos para todos.

Dada a explicação acima, nota-se que a sua aplicação vai muito além de simplesmente colocar crianças com deficiência dentro do ambiente escolar tradicional. A inclusão ocorre quando a escola se preocupa em ter todo o aparato e estrutura necessária para conseguir contemplar todas as necessidades de seus estudantes com deficiência (LOUREIRO MAIOR, 2018).

Para que a inclusão ocorra, é necessário o desenvolvimento de estratégias de adaptação social para favorecer, de forma viável, a inclusão das crianças com deficiência tanto em questões de aprendizagem, quanto de sociabilidade. Incluem-se as atividades lúdicas, que estimulam a criatividade e psicomotricidade e que servem como ponte e instrumento de comunicação entre o aluno e os demais colegas, professores e família (MALAQUIAS; RIBEIRO 2013).

Dentre as estratégias, o curso de Atendimento Educacional Especializado (AEE), tem por objetivo qualificar e capacitar profissionais para um novo serviço da Educação Especial, prescrito pela Política Nacional de Educação Especial, na perspectiva da educação inclusiva (BRASIL, 2009). No ambiente escolar, os planos de AEE orientam os professores de sala e colegas a: incentivar a participação em atividades coletivas; oferecer atendimento escolar integral; oferecer atividades diversas, auxiliando no rompimento da repetição e estereotipia; utilizar Tecnologia Assistida, entre outras.

Gomes (2010) ressalta que o professor de AEE deve propor situações vivenciais que possibilite ao aluno com deficiência intelectual organizar seu pensamento. Deve basear atividades em situações-problemas, que exijam que o aluno utilize seu raciocínio para a resolução de um determinado problema. O professor deverá utilizar elementos visuais (figuras, vídeos, dentre outros elementos) e táteis (utilização de alfabeto móvel, massinha e outros materiais) para que a entrada das informações possa ser beneficiada pela memória sensorial.

Atualmente, as teorias mais utilizadas para auxiliar no desenvolvimento e estimulação precoce das crianças com deficiência intelectual infantil é Abordagem Comportamental e Cognitivo Comportamental. Essa teoria é aplicada em clínicas de psicologia para crianças com deficiência intelectual, principalmente as que se encaixam dentro do Transtorno do Espectro Autista e as que possuem Síndrome de Down

O trabalho é direcionado de acordo com o plano terapêutico singular de cada criança, estando essa em constante reavaliação. O atendimento pode ser realizado individual ou em dupla dependendo dos objetivos terapêuticos propostos a cada criança. Trabalhamos visando a aquisição de habilidades funcionais, estímulo aos aspectos sensoriais, percepções cognitivas e motores e promovendo maior independência (BIRIBA, 2020, p. 18).

Vale ressaltar que a intervenção precoce é de suma importância no desenvolvimento neuropsicomotor e social da criança. Os pais devem buscar atendimento junto a equipe multidisciplinar para que possa ocorrer a intervenção precoce, e quanto mais cedo ela ocorrer, mais chances de se desenvolver dentro da capacidade individual que um tem, e mais rápido, a criança irá se desenvolver social e cognitivamente.

UTILIZAÇÃO DE RECURSOS LÚDICOS NA ADAPTAÇÃO SOCIAL DA CRIANÇA

A atividade lúdica dispõe de variados recursos que possibilitam às crianças a aprenderem a relacionar-se com outros, bem como promovem maior desenvolvimento cognitivo, motor, social e afetivo (MALAQUIAS; SOUZA, 2013; BUCHER-MALUSCHKE; SILVA, 2018). Se o brincar, e a abordagem lúdica já é de suma importância para o desenvolvimento cognitivo, social e comportamental da criança típica, para crianças que possuem deficiência intelectual não seria diferente.

Geralmente, o que faz a criança brincar é a sua vontade intrínseca, mas quando se trata de uma criança com deficiência intelectual é possível que esta vontade acabe não ocorrendo de forma espontânea (BUCHER-MALUSCHKE; SILVA, 2018). Nestes casos é de suma importância usar das estratégias lúdicas para que ela possa, por meio da brincadeira, estimular a curiosidade, a percepção dos seus sentimentos e das suas necessidades (BUCHER-MALUSCHKE; SILVA, 2018). Para que esta ação ocorra, é necessário que o adulto tenha conhecimentos sobre recursos pedagógicos, brinquedos, desenvolvimento infantil e criatividade (BUCHER-MALUSCHKE; SILVA, 2018).

O estudo de Souza (2013) registrou as possibilidades e as contribuições da Arte terapia no desenvolvimento do potencial criativo e na construção do conhecimento de crianças e adolescentes com deficiência intelectual. Constatou-se que as vivências das crianças com os recursos artísticos auxiliaram no desenvolvimento da criatividade, promovendo a abertura para outras possibilidades e visões de mundo, contribuindo para que o aluno com deficiência intelectual pudesse se perceber como um ser criativo, totalmente capaz de desenvolver as suas potencialidades, habilidades e capacidades de maneira equilibrada.

Desta forma, os recursos da Arte terapia, possibilitam aos alunos com deficiência intelectual o resgate da cidadania, ultrapassarem a exclusão, a rejeição, o isolamento e o preconceito (BUCHER-MALUSCHKE; SILVA, 2018). Eles permitem a troca com os pares que possuam

características semelhantes às suas e ainda compartilhar dificuldades e anseios relacionados à própria deficiência intelectual.

No contexto da pesquisa com crianças com deficiência intelectual, os recursos da Arte Terapia também auxiliam os participantes a se expressarem e a lidarem de forma mais criativa com o conhecimento. Alguns exemplos, segundo Souza (2013) são: a) Os materiais tridimensionais auxiliam a ação de construir algo que é manifestação interior possibilitou aos participantes uma experiência facilitadora para dar forma a sentimentos, além de desenvolver a imaginação e provocar a sensação gratificante do construir; b) A pintura com tinta guache suscita as manifestações diversas (e estados de tensão e relaxamento), que revelam, portanto, o aspecto afetivo; c) Rabiscar, desenhar, pintar, recortar, modelar, colar, a pessoa pode expressar, comunicar e atribuir sentido a sensações, sentimentos, pensamentos e à realidade e d) Confeccionar fantoches, dar nome a eles, movimentá-los, transformá-los é dar-lhes vida, motiva a criança a falar das experiências vividas, das angústias e das alegrias.

Os fantoches e as bonecas exercem uma ação lúdica e são instrumentos valiosos na construção da aprendizagem (SILVA et al., 2017). “Expressar os próprios sentimentos e emoções traz uma grande satisfação, pois ajuda a pessoa a tomar consciência de sua importância, através de um realizar que é seu.” (SANTOS, 1999, p.121). Por meio do boneco, a pessoa com deficiência intelectual conta a própria história, atua de forma lúdica criativa e instrutiva, pois houve uma identificação com os personagens, tal qual um autorretrato, uma revelação da própria vida (SOUZA, 2013). Cada participante estabelece uma relação muito prazerosa com brincadeiras espontâneas, projetando desejos, necessidades e fraquezas. A construção do fantoche propicia a elevação da autoestima, resolução de conflitos e estruturação de ideias e pensamentos (SILVA et al, 2017).

MÉTODO

Delineamento

O estudo de caso utilizou como delineamento a pesquisa qualitativa descritiva exploratória.

Participante

Uma criança com deficiência intelectual, dez anos de idade, estudante do ensino fundamental de uma escola pública do Distrito Federal. A participante possui o diagnóstico de Síndrome de Down. Para manter o sigilo e a identidade da participante, optamos por chamá-la de Alice. Também foi alterado o nome dos familiares e colegas mencionados pela participante.

Instrumentos

Entrevista semiestruturada para a construção de histórias: com o intuito de obter informações da participante como perguntas que permitissem a pesquisadora introduzir elementos de diversas situações que ocorrem na escola. Para estimular a criança, foram utilizadas gravuras ou imagens indutoras que representam vivências e situações da criança no ambiente escolar.

Entrevista para a construção do Genograma e Ecomapa. O Genograma permite uma visualização da história das gerações da família e as ligações entre os membros. O Ecomapa permite um mapa visual que liga as estruturas do mundo externo que é relevante para o indivíduo como se fosse o seu próprio sistema que o rodeia.

Processo de Construção

A entrevista foi realizada em um consultório não especificado localizado no Distrito Federal. Foram realizados três encontros. No primeiro encontro, com os pais e a criança, foram apresentados os objetivos da pesquisa e, após o consentimento, obteve-se a assinatura do Termo de Assentimento da Criança e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Responsável Legal da Criança. No segundo e terceiro encontros ocorreram as entrevistas semiestruturadas e para a construção do genograma consecutivamente. Nesta parte da coleta foram utilizados objetos lúdicos, como brinquedos, lápis de cores, papel e fantoches para que a criança pudesse ser estimulada a expressar os seus sentimentos, histórias e experiências. Cada encontro durou 1 hora. Os áudios das entrevistas foram gravados e transcritos.

Ética na Pesquisa

O caso foi extraído da pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos do UniCEUB, sob o registro CAAE: 00259018.0.0000.0023 e o Parecer nº 3.023.674, seguindo as normas da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, que trata de ética em pesquisa com seres.

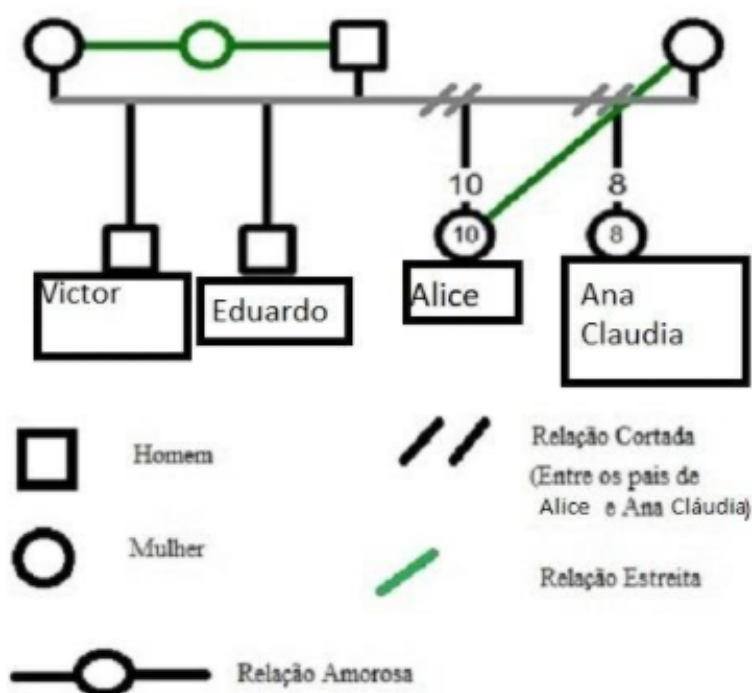
RESULTADOS

Caracterização do Caso

Esta seção se refere aos dados informados pela criança, a partir da entrevista para a construção do Genograma e do Ecomapa. Por se tratar de uma atividade lúdica, a entrevista focou em levantar informações sobre a estrutura e dinâmica da família. A família possui seis integrantes,

sendo Alice de dez anos (a curatelada com Deficiência Intelectual), a mãe (curadora de Alice), a irmã, Ana Cláudia de 8 anos de idade (que moram juntas), e o pai de Alice (relação aparentemente distante). A participante possui dois irmãos por parte de pai, Victor e Eduardo. A Curatelada atualmente se encontra cursando o Ensino Fundamental em uma escola pública. O Pai e a Mãe de Alice são separados (Fig. 1).

Figura 1. Genograma (Estrutura e dinâmica da família)



Nota: O pai e mãe de Alice são separados. A participante possui dois irmãos por parte de pai, Victor e Eduardo, porém ela não diz nada a respeito deles. Ela também possui uma irmã por parte de mãe, a Ana Cláudia, que tampouco contou muitos detalhes a respeito dela.

Fonte: Elaborada pelos autores

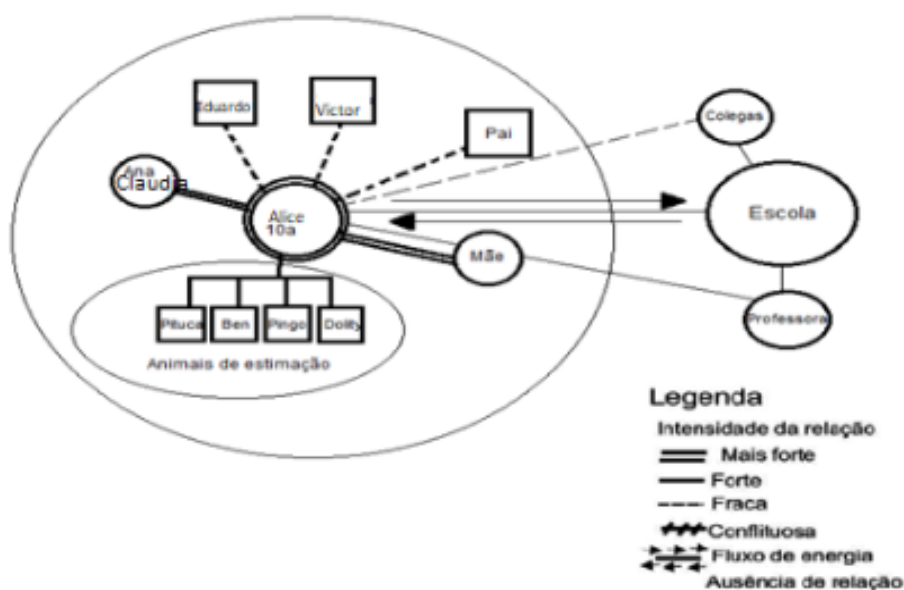
No decorrer da entrevista, notou-se que Alice tem certo atraso na fala devido ao seu diagnóstico de Síndrome de Down. Alice compreende com facilidade, é capaz de se expressar verbalmente (formula e responde perguntas), porém apresentou a troca de palavras e de alguns sentidos delas.

As duas entrevistas iniciaram-se com uma brincadeira de faz de conta com a Alice onde se criou uma história conduzida pela pesquisadora, facilitando o estabelecimento de vínculo, e permitindo com essa estratégia o acesso à aspectos sociais e educacionais. Esta abordagem possibilitou adquirir as informações pela entrevistada com uma linguagem simples e direta.

Durante a entrevista foram utilizadas como instrumento imagens indutoras que representassem situações de uma criança no ambiente escolar.

Os dados extraídos da construção do Ecomapa (Fig.2) demonstraram uma relação fraca de Alice com seu pai e de pouco contato com os seus irmãos. A participante possui uma relação forte com a mãe e a irmã, escola e colegas no geral. O que ela mais focou sua atenção na hora de falar bem e até descrever seus nomes, foram seus cachorros, o que sugere ser o elo de Alice em que mais possui carinho e afinidade até o momento, o que sugere que seu vínculo com os animais sejam até maiores do que com seus familiares.

Figura 2. Ecomapa (Rede Social)



Fonte: Elaborada pelos autores

Os resultados obtidos com a caracterização do caso permitiram organizar as informações descendentes do discurso da criança, procurando identificar o processo de inclusão psicossocial e de interpretação dos resultados. Foi percebido um atraso na fala, relacionado a concordância e coesão das palavras. Entretanto, ela conseguiu se comunicar e se expressar de forma que a pesquisadora pôde entendê-la. Alice demonstrou ter facilidade para socializar com suas colegas e mencionou ter feito algumas amiguinhas. Entretanto, ela disse que as amigas não brincam muito com ela.

Os dados sugerem atentar-se para o processo de sociabilidade da participante na escola a fim de verificar se ela está se esforçando para tentar inclui-la em todas as atividades escolares. Alice possui notas na média, sem grande atraso intelectual, necessita da ajuda de colegas ou monitores, e aparenta estar indo bem com o seu processo de desenvolvimento infantil dentro do que é esperado de uma criança que possui Deficiência Intelectual. Alice não comentou muito

sobre a sua relação com sua família além apenas de citar seus pais e irmãos, e fez questão de citar seus cachorrinhos e seus respectivos nomes (CAVALCANTE, 2011).

Um dos aspectos mencionados pela criança durante a construção da história foi o primeiro dia na escola da personagem. As narrativas introduziram a interação com as amigas: “Esta é a Felícia (...) que é o seu primeiro dia de aula, e então ela encontrou as suas amigas, ‘Lu’ e ‘Rebecca’” (Alice). Tal aspecto é mencionado diversas vezes, nos demais trechos, onde a personagem ressalta possuir muitas amigas.

Pesquisadora: “e você tem muitas amigas?” **Alice:** “não tenho muitos amigos.”
Pesquisadora: “E as coleguinhas ajudam você?”. **Alice:** “Sim, a Geovanna, Bianca, Ana Vitória, Evelin e a Raquel. Eu gosto muito delas e elas gostam muito de mim também (...) hoje só tem a Raquel na minha sala (...) eu tenho outras amigas, mas eu esqueci o nome (...) elas me ajudam sempre que é difícil e eu as ajudo de volta (...) elas e a tia (professora).”
Pesquisadora: Você acha a escola difícil?”. **Alice:** “mais ou menos, mas eu vou conseguir aprender”. **Pesquisadora:** “Com quem você brinca?”. **Alice:** “Só com a Rebecca, as outras não querem brincar comigo (...) as outras falam segredos e não me contam”.

Alice disse possuir dificuldade com a matéria de matemática, mas tem maior facilidade com as matérias de produção de texto, português e ciências. Alice mencionou a monitora da sua turma, e que desde a entrada ela tem melhorado o seu desempenho em sala de aula. “Eu peço para a tia me ajudar e ela (monitora) me ajuda também” (Alice).

As narrativas da criança indicaram que ela se sente feliz na escola, e que não gostaria de trocá-la, apesar dos filmes tristes que a deixam triste. Ela mencionou possuir dez notas “Normais” de 7 a 9. Porém disse em um momento que as notas 3 e 4 podem ser consideradas normais também. Alice expressou medo com a dúvida de não saber se conseguirá passar de ano, demonstrou dificuldades para compreender o sistema de notas e avaliação da escola. No final da história sobre a personagem ela desejou que elas duas passassem de ano felizes.

DISCUSSÃO

Os métodos práticos de adaptação social que poderiam favorecer a inclusão de Alice na sua escola não foram citados na entrevista, pelo menos não dentro do contexto escolar. Entretanto, os recursos lúdicos, que foram utilizados durante as duas entrevistas, favoreceram o entrosamento da criança. A vinculação afetiva com a pesquisadora, motivou a criança a falar mais sobre si e sobre o cotidiano escolar de forma mais espontânea.

Os dados obtidos das experiências relatadas pela Alice foram pertinentes para a construção do genograma e do ecomapa, com base na percepção dela sobre a sua escola e as estruturas relacionais do seu meio (família, amigos professores, colegas e animais de estimação). Neste caso, a escola deve investir em atividades lúdicas para ajudar na inclusão social de alunos com deficiência intelectual dentro do seu ambiente escolar (RIMÁ., PAIVA; GUERRA; PERUC-

CHI, 2019). Os resultados deste estudo de caso indicaram que a criança estudada está bem integrada, porém não incluída. Ela possui amigas e consegue brincar só quando elas se mostram dispostas e, portanto, passa a maior parte dos intervalos das aulas sozinha.

Os recursos lúdicos propiciam brincadeiras em grupo e devem ser adaptados para as crianças para promover a socialização com a turma toda, por exemplo, ou a escola poderia também usar a arte terapia como instrumento de inclusão social e até mesmo estimulador para a criatividade e motricidade. O diagnóstico de síndrome de Down demanda de muitos estímulos para que se obtenha um bom desenvolvimento da criança, bem como de atividades lúdicas e brincadeiras para conseguir aprender a se socializar, adquirir conhecimentos que estimulem a cognição, além de desenvolver habilidades motoras e de comportamento (ESMERALDO; ARAÚJO, 2010).

Nota-se que Alice possui dificuldades com a sua questão de aprendizagem, porém dentro do esperado, tem ajuda e suporte de amigas e professor e no que se trata de integração ela parece bem integrada dentro do seu contexto escolar. Baseando-se apenas na entrevista de Alice não tem como analisar como é sua relação com a família, nem se ela recebe o suporte necessário para que tenha um bom desenvolvimento infantil. Porém dentro do âmbito escolar, Alice aparenta ter todo o suporte necessário para conseguir aprender e passar de ano. No âmbito social especula-se que Alice tem poucas amigas e que a escola talvez não faça muito esforço para tentar incluí-la mais nesse sentido.

Alice demonstrou ser uma criança carinhosa, aparentemente feliz, e que não possui grandes dificuldades para se incluir no meio escolar e nem de se comunicar, apenas precisa viver em um ambiente escolar que forneça mais estímulos lúdicos que a ajude a se desenvolver de forma ampla e mais rápido e que ela invista na questão da inclusão de uma forma estrutural e adaptativa para a condição de Alice.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo de caso explorou as experiências de adaptação social de uma criança com Síndrome de Down, que podem ser pertinentes para estimular uma educação inclusiva nas escolas de ensino regular. Por meio da utilização de entrevistas semiestruturadas e com o auxílio da utilização de imagens e gravuras indutoras para a construção de histórias, a criança expôs a suas experiências vivenciadas em uma escola de ensino regular. O delineamento e os resultados visam contribuir com os estudos de adaptação de instrumentos interventivos, que sirvam de recursos para os profissionais da escola utilizarem com os seus alunos.

O caso estudado identificou certa limitação nos detalhes das informações, devido ao comprometimento de fala, à condição física e mental, e pela sua idade da criança. Todas as análises foram realizadas por meio das interpretações feitas com os recursos lúdicos, genograma e

ecomapa, que foram utilizados na pesquisa. Ao analisar o ecomapa, por exemplo, percebeu-se a importância que os cachorros de Alice têm em sua vida, pois ela teve o cuidado de citar os nomes de cada um e dizer que gosta muito deles.

Notou-se que a criança do estudo possui o suporte necessário para desenvolver o seu aprendizado e consegue acompanhar a turma graças ao reforço da escola e dos colegas. Também se observa a necessidade de a escola investir mais na inclusão social dela e sugere-se um envolvimento maior da família com o contexto escolar. Destaca-se a importância e a necessidade do desenvolvimento de estratégias de adaptação social para que haja a inclusão da criança com deficiência no ambiente escolar e não somente integrá-la na escola.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.

BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F.; Silva, J. O uso de instrumentos interventivos com crianças e adolescentes em acolhimento institucional na perspectiva bioecológica. In: CAVALCANTE, L. I. C. et al. (Eds.). **Acolhimento institucional de crianças e adolescentes: teorias e evidências científicas para boas práticas**. Curitiba: Juruá, 2018. p. 315 - 324

CASTRO Rimá, J. de; PAIVA, J. S.; GUERRA, C. K. D. A. M.; PERUCCHI, V. Acessibilidade no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba-IFPB: repensando os processos inclusivos do Plano de Desenvolvimento Institucional-PDI (2020-2024). In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação-FEBAB, 28., 2019, Vitória. **Anais...** Vitória: FEBAB, 2019.

CAVALCANTE-C.V. Atendimento Educacional Especializado: uma nova proposta de educação inclusiva. **Revista Polyphonia**, Goiânia, v. 22, n. 1, p. 33 - 50, jan./jul. 2011.

ESMERALDO, J.; ARAÚJO, I. O espaço lúdico no desenvolvimento psicomotor de crianças com deficiência intelectual. In: IV Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”, 4., 2010, Sergipe. **Anais...** Sergipe: Educon, 2010.

FÁVERO, E. A. G.; PANTOJA, L. D. M. P.; MANTOAN, M. T. E. **Aspectos legais e orientação pedagógica**. São Paulo: MEC/Seesp, 2007.

LOUREIRO MAIOR, I. M. M. de. **A política de inclusão da pessoa com deficiência como questão de direitos humanos**. 2018. Disponível em: <https://revistadh.mdh.gov.br/index.php/RCDH/article/view/21/6>. Acesso em: 05 fev. 2020.

MALAQUIAS, M. S.; RIBEIRO, S. de Souza. **A importância do lúdico no Processo de Ensino-Aprendizagem no Desenvolvimento da Infância**. 2013. Disponível em: <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/a-importancia-do-ludico-no-processo-de-ensino-aprendizagem-no-desenvolvimento-da-infancia>. Acesso em: 05 fev. 2020.

MANTOAN, M. T. E. O direito de ser, sendo diferente, na escola. **Revista CEJ**, Brasília, v. 8, n. 26, p. 36-44, set. 2004.

MOREIRA, C. J. D. M. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva: uma análise de três programas federais, para a educação especial, desenvolvidos pela Secretaria Municipal de Educação do município de São Luís-MA, no período de 2009 a 2012**. 2016. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/319216/1/Moreira_CarlosJosedeMelo_D.pdf. Acesso em: 05 fev. 2020.

PÉREZ, S. G. P. B.; FREITAS, S. N. Encaminhamentos pedagógicos com alunos com Altas Habilidades/Superdotação na Educação Básica: o cenário brasileiro. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 41, p. 109-124, jul./set. 2011.

RODRIGUES, D. **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Grupo Editorial Summus, 2006.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SILVA, J. et al. Bonecas como tecnologia do gênero na representação de identidades. In: AMPARO, D. M. et al. (Eds.). **Psicologia clínica e cultura**. Brasília: Technopolitik, 2017. p. 472-495. v. 3

SILVA, A. M. da. **Educação Especial e Inclusão Escolar: História e Fundamentos**. Curitiba, Paraná: IBPEX 2010.

SILVA, Talyta. **Inclusão**. Divinópolis: Portal Agora, 2020. Disponível em: <http://www.agora.com.br/noticia/inclusao/#:~:text=Inclus%C3%A3o%20social%20%C3%A9%20o%20conjunto,bens%20e%20servi%C3%A7os%20a%20todos>. Acesso em: 05 fev. 2020.